

Apresentação

Ángel García del Dujo¹ & João Boavida²

Vão aparecendo, nos nossos dias, por aqui e por ali, muitos e bons trabalhos que manifestam um pensamento plural e rico sobre a educação, ao lado de muitos outros, um pouco também por todo o lado, que desenvolvem reflexão e análise, em formas não menos diversas de pensar a educação. Como sempre aconteceu, poderíamos dizer. Como se as disciplinas, de modo idêntico ao proceder dos povos, tivessem tendência a repetir periodicamente determinados comportamentos e actuações, que seriam imprescindíveis para o processo conceptual e metodológico de consolidação e de sedimentação do próprio corpo de conhecimentos, mas numa variedade de perspectivas que é a imagem da complexidade problemática que a educação adquiriu nos nossos dias.

A nossa intenção não foi exactamente fazer uma revisão de correntes, abordagens e perspectivas de análise e de metanálise sobre a educação, nem sequer das mais recentes, ou das predominantes no nosso tempo. Não foi, pelo menos, a primeira intenção, nem sequer a prioritária, e, portanto, se o produto obtido parecer algo desta natureza, deveremos vê-lo como um valor acrescentado, uma vez que a nossa pretensão foi outra.

I

É certo que a mudança de século vem produzindo abundante reflexão sobre a educação, e não faltam vozes que chamam a atenção para a necessidade de pensar, e de repensar, não só a educação mas também as formas como se vem fazendo esse pensamento educativo e essa reflexão sobre a educação. A pedagogia, e a educação em geral, não estão isentas do processo de revisão conceptual e metodológica que, neste momento, um bom número de disciplinas estão conhecendo, entre outras razões porque se alimenta com boa parte dos seus métodos e dos seus conhecimentos. Gonzalo Vázquez, professor da Universidade Complutense de Madrid, coloca o problema de modo certo; por isso, este número monográfico da *Revista Portuguesa de Pedagogia* começa com o seu trabalho sobre *La Pedagogía en y de la sociedad cognitiva*.

¹ Universidade de Salamanca

² Universidade de Coimbra

Diga-se desde já, contudo, que não procurávamos identificar com precisão o conjunto de posições metodológicas e epistemológicas susceptíveis de ser utilizadas hoje na compreensão e explicação dos fenómenos educativos. Nem pretendíamos respostas directas às clássicas perguntas sobre como deve ser a teoria da educação, qual o seu estatuto no domínio das Ciências da Educação, qual a sua função no concerto das disciplinas pedagógicas, qual a melhor concepção e perspectiva de análise dos fenómenos educativos, nem mesmo qual o método mais adequado quando a tarefa se aborda de modo mais experimental ou científico. Nos contactos iniciais com os autores dos trabalhos não foi nestes termos que se pediu a sua colaboração, por se entender que representam coordenadas clássicas, de algum modo superadas, do modo como tradicionalmente se tem abordado esta problemática; o que não significava, porém, que os autores estivessem impedidos de utilizar essas coordenadas como referência da valorização da teoria da educação que hoje se faz, ou pode fazer.

O nosso convite de colaboração foi noutros termos: interessava-nos mais que os autores tornassem visível a sua investigação, ou, pelo menos, algumas linhas das suas investigações, assim como alguns resultados, e eventuais progressos. E isto, com a intenção de conhecer, em primeiro lugar, os problemas da nossa sociedade, que estão a merecer a atenção deste grupo disciplinar, assim como a forma como se estão abordando estes problemas e os resultados obtidos; só posteriormente acalentámos a esperança de, a partir daqui, poder entrever a teoria da educação que se faz, e como se faz. Esta foi a nossa verdadeira intenção; um interesse topográfico e não topológico, ou, se se preferir, em primeiro lugar topográfico e em seguida topológico.

Há, sem dúvida, nas abordagens que acabámos de qualificar de tradicionais, uma questão que nos interessa recuperar, porque se revela imprescindível também para a nossa: todas pressupõem e predicam o educativo de algumas situações, acções ou relações. Mas o que seja o educativo é, em si mesmo, um problema ainda por resolver. Daí que tenhamos que perguntar: em que consiste a especificidade de uma acção, situação ou relação susceptível de ser qualificada de educativa? Haverá um específico educativo? E em que consiste? É este o objecto da reflexão de João Boavida e de João Amado (Universidade de Coimbra), no seu artigo *A especificidade do educativo, seu potencial teórico e prático*, para quem esta pergunta é não só ponto de partida para qualquer tipo de análise e de teorização educativa, que sem dúvida apresentam como exercício indispensável, mas também como condição para qualificar, ou não, de educativas, determinadas práticas sociais e um número indeterminado de actividades individuais.

II

Mas, teremos que perguntar: tem sentido hoje falar de teoria da educação em plena época de exaltação da heterogeneidade, do individualismo, da fragmentação, da dispersão, da confusão... em suma, de pós modernidade? Tem sentido insistir na necessidade de visões coerentes e tendencialmente significativas, pressupor até a sua possibilidade quando, por todo o lado, na linha de Lyotard, se clama a morte das metanarrativas? Esta pergunta, tendo, para nós, o carácter e o significado de *problema real*, quiçá do verdadeiro problema do nosso tempo, deve ser abordado e não pode deixar de ter eco na nossa comunidade científica. Maria Teresa Estrela (Universidade de Lisboa), que não se identifica com as posições posmodernistas, argumenta, nas suas *Notas sobre as possibilidades de construção de uma Teoria da Educação*, que a filosofia e as ideologias, e inclusive outras vias produtoras de contextos imaginários, continuam a ser os acessos privilegiados para a construção de teorias educativas, ao mesmo tempo que vê, na via científica, crescentes dificuldades para o conseguir. Nesta linha se encontram outros trabalhos, como *Utopia e Educação*, de Joaquim Machado de Araújo e Alberto Filipe Araújo (Universidade do Minho) e *Mitos e educação*, de Carlos Fernandes Maia (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro).

Bem diferente é a posição sustentada por António J. Colom Cañellas (Universidade das Ilhas Baleares). No seu artigo *La Teoría de la Educación en su doble dimensionalidad: como teoría acerca de la realidad y como teoría acerca del saber educativo* faz a diferença entre Teoria da Educação, que qualifica de científico-tecnológica, e estudos teóricos da educação, bem como teorias educativas de perfil ideológico ou particulares de um dado autor.

Torna-se evidente que, em ambos os casos, se fala de teoria para a acção, do mesmo modo que é óbvio que há fortes divergências quanto ao que num ou noutro caso se entende por critérios, seu carácter, tipologia e origem, e sobre todo o campo referencial do próprio conceito de acção. Estamos, pois, frente a um importante ponto de bifurcação dos modos de pensar e de fazer teoria da educação, embora em alguns trabalhos se pressinta um grande esforço para aproximar as duas tendências, enfatizando para isso o carácter prático do discurso teórico, quer seja filosófico, antropológico ou científico. É este o caso do contributo de José Vicente Peña Calvo (Universidade de Oviedo), Enrique Gervilla Castillo (Universidade de Granada), Petra María Pérez Alonso-Geta (Universidade de Valência) e Teófilo Rodríguez Neira (Universidade de Oviedo) com o artigo *Las dimensiones filosófica y antropológica de la interpretación educativa*, e do trabalho de Ana Pedro (Universidade de Aveiro), *Razão filosófica e razão educativa: a filosofia da educação como uma filosofia aplicada*; os próprios títulos são já suficientemente esclarecedores do caminho por que optam os seus autores.

Não menos esclarecedor é o título da contribuição de Ángel García del Dujo e Joaquín García Carrasco (Universidade de Salamanca) e José María Asensio Aguilera (Universidade Autónoma de Barcelona) *Hechos y pensamientos sobre educación en busca de una teoría: la trama entre biología, tecnología y cultura*. Entendem os autores que os últimos anos nos estão proporcionando novas componentes e perspectivas a ter em conta na educação, ou seja, conhecimentos sobre a natureza do ser humano e sua forma de actuar, que nos aconselham à releitura de alguns fundamentos, orientações e princípios explicativos do fenómeno educativo, com repercussões também nos modos de pensar e de fazer, hoje, teoria da educação. Apontam concretamente a biologia e a tecnologia como contributos que, na opinião destes autores, obrigarão em breve a reconsiderar não só a natureza e o estatuto de algumas componentes do fenómeno educativo, mas também a própria concepção da acção educativa, superando assim os dualismos que a ciência moderna introduziu e que acabaram por causar tanto dano à reflexão sobre a educação.

Esta posição, e, em geral, o modo científico de estudar e fazer educação e teoria da educação são questionados abertamente por dois artigos. Adalberto Dias de Carvalho (Universidade do Porto) em *Hermenêutica da educação: um desafio aos cânones epistemológicos das ciências da educação*, propõe estender a crítica do cientismo da educação a qualquer marco paradigmático, mesmo ao próprio discurso epistemológico, porque aí tudo fica reduzido a jogos de vigilância, de justificação e de legitimação; em seu lugar propõe, um tanto paradoxalmente, o retorno à hermenêutica sociocrítica como tratamento da educação enquanto prática antropológica. Por sua vez, Fernando Bárcena Orbe (Universidade Complutense de Madrid), Jorge Larrosa Bondía (Universidade de Barcelona) e Joan-Carles Mèlich (Universidade Autónoma de Barcelona) marcam também, em *Pensar la educación desde la experiencia*, diferenças a respeito das linguagens impessoais da racionalidade técnico-científica ou filosófica, perspectiva de onde encontram instalada actualmente a reflexão sobre a educação, para se centrarem na educação como acontecimento, situação, relação, conversação, linguagem, e uma teoria da educação como outra prática dessa experiência, também situacional, relacional, conversacional, linguística, em suma, meras realizações, simples experiências, tentativas e narrações.

III

Neste momento, e supondo que o leitor tenha feito uma leitura completa e sucessiva, além de paciente, dos trabalhos que temos vindo a comentar, estará em condições de duvidar da veracidade das intenções dos coordenadores, manifestadas alguns parágrafos acima. Porque, para além de realidades pertencentes a mundos popperianos, quais

serão essas práticas, sim, que práticas serão essas susceptíveis de converter-se em educativas, e a partir das quais venhamos a conhecer, tal como anunciámos, formas de fazer teoria da educação? Que problemas está enfrentando esta comunidade científica? Como o está a fazer? E que teoria da educação está deixando transparecer?

A julgar pela quantidade de referências que recebem, no seu conjunto, os artigos que constituem esta obra colectiva, a temática de interesse predominante vem claramente definida pelos problemas que implica o ser cidadão numa sociedade caracterizada pela diversidade cultural e, conseqüentemente, as formas de reflexão e de acção que podem activar-se a partir da teoria da educação. São vários os artigos que abordam este âmbito de problemas, quando os autores querem exemplificar a dimensão prática da teoria da educação, independentemente da sua orientação científica ou filosófica, para além de dois trabalhos explicitamente centrados nesta temática, embora com um enfoque mais político, ético e social. São eles o artigo: *La educación ciudadana en una sociedad multicultural y compleja*, de Pedro Ortega Ruiz (Universidade de Múrcia), José Manuel Touriñan López (Universidade de Santiago de Compostela) e Juan Escámez Sánchez (Universidade de Valência), e mais centrado nas repercussões que este velho e novo problema tem para o saber teórico e prático de educação, o artigo *Contribución del discurso intercultural a una nueva Teoría de la Educación*, de Miguel Ángel Santos Rego (Universidade de Santiago de Compostela), Félix Etxeberría Balerdi (Universidade do País Basco), Rámom Mínguez Vallejos (Universidade de Múrcia), José António Jordán Sierra (Universidade Autónoma de Barcelona), María del Mar Lorenzo Moledo (Universidade de Santiago de Compostela) e Cristóbal Ruiz Ramón (Universidade de Málaga).

Outro amplo grupo de professores, Ana Ajuste González (Universidade de Barcelona), Pilar Aznar Mínguez (Universidade de Valência), Begoña Gros Salvat (Universidade de Barcelona), Agustín Requejo Osório, e António Rodríguez Martínez (Universidade de Santiago de Compostela), Teresa Romañá Blay e Jaume Trilla Bernet (Universidade de Barcelona), reflectem em *El conocimiento pedagógico y la periferia del universo educativo* sobre o significado conceptual e metodológico que, para o discurso pedagógico, está tendo a incorporação progressiva de âmbitos, espaços e problemas até há bem pouco tempo sistematicamente ignorados, senão mesmo desconhecidos, em teoria da educação, como seja, as educações não formal e informal, a educação permanente, a igualdade do género, as novas tecnologias, a educação ambiental ou a questão da corporeidade.

Carlos Reis (Escola Superior da Educação, da Guarda) analisa, em *Massagem mediática: desafio à teoria da educação*, o potencial (des)educativo da cultura mediática, perspectiva que a teoria e a filosofia da educação do nosso tempo não deverão ignorar. Neste sentido, não somente põe a descoberto os mecanismos de ideologização da cultura visual,

mas também assinala os seus próprios limites, e aquilo que o autor considera como desvalores educativos, divulgados e promovidos, além disso, com meios e poderes de facto extraordinários.

E, situados agora na problemática dos valores em educação, que de alguma maneira percorre transversalmente os dois volumes temáticos, e que adquire corpo explícito em alguns artigos já referidos, Maria da Conceição Azevedo (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro) questiona-se sobre os *Valores culminantes: educação para a morte / educação para a vida*, o que é a forma mais ampla de enquadrar a teoria da educação porque, de certo modo, a faz sobrepor às dimensões verdadeiramente fundamentais do género humano: a vida e a morte e a sua eterna e insuperável interacção.

Estes são alguns dos espaços temáticos, objecto da atenção da teoria da educação que hoje se faz, independentemente da perspectiva utilizada na sua análise e tratamento, que não é menos plural, nem diversa, e que percorre todo o espaço epistemológico que apresentávamos na segunda epígrafe desta introdução.

IV

Estes números temáticos da *Revista Portuguesa de Pedagogia* encerram com três trabalhos que vêem o futuro da teoria da educação de forma bem diferente. Um dos artigos, de Jaume Sarramana (Universidade Autónoma de Barcelona), encontra *El futuro de la Teoría de la Educación en perspectiva tecnológica*, pela confluência, neste momento, de três tendências estreitamente interrelacionadas – a cultura das competências, a generalização da avaliação externa e a explosão das tecnologias da informação e da comunicação. Por outro lado, Fernando Gil Cantero e Gonzalo Jover Olmena (Universidade Complutense de Madrid) constata, em *Memoria y prospectiva de la Teoría de la Educación*, uma desagregação disciplinar da teoria dos anos oitenta, acompanhada pelo que consideram um certo esfumar do educativo até à sua dissolução no cultural, pelo que advogam uma repedagogização da teoria nos espaços formais e não formais da educação, feita a partir de múltiplas perspectivas, discursos e metodologias. E, como não podia ser de outro modo, nos tempos que correm, Maria das Dores Formosinho (Universidade de Coimbra) reflecte sobre os *Desafios a uma teoria da educação na Pós modernidade*.

V

É o momento de terminar. Este trabalho temático, dividido em dois números por solicitação editorial, abre com um trabalho que vê a sociedade do nosso tempo como uma realidade complexa, e que por isso nos obriga a reconsiderar conceitos, métodos, espaços

e tempos de educação; onde lateja um reconhecimento e uma pretensão amplificadora do educativo como fenómeno, mesmo que canalizando o seu conhecimento, segundo alguns, predominantemente através de uma pedagogia tecnológica, sem prejuízo, isso sim, de reconhecer outras diversas vias de tratamento. E encerra pedindo o alargamento de perspectivas gnoseológicas plurais, mas reclamando, por um lado, uma recondução do educativo aos seus limites tradicionais, para evitar a despedagogização do teórico em educação, e, por outro, uma concepção de educação que compreenda o educativo na sua extensão total, sem o que não haverá condições para uma verdadeira teoria da educação. Tarefa nada fácil; com razão um dos artigos se interroga pela especificidade do educativo e seu potencial teórico e prático.

Pelo caminho ficaram assinalados problemas do nosso tempo, nos quais os membros desta comunidade científica estão trabalhando, incluídos aqueles que, à primeira vista, não parecem contribuir de maneira directa para a melhoria da prática educativa. Por certo não ficam reconhecidos todos os problemas para cuja solução está contribuindo hoje este campo disciplinar, nem todos os modos como o está fazendo, nem sequer todos os profissionais que, em múltiplos lugares, estão trabalhando nesta direcção; mas também não era esta a nossa intenção. Não estão todos, mas, graças aos que estão, pudemos tornar visíveis alguns dos mais interessantes e significativos modos de pensar e de fazer, hoje, teoria da educação.